ERIC DUNNING
JOSEPH MAGUIRE

AS RELAÇÕES ENTRE OS SEXOS NO ESPORTE[1]

O presente artigo constitui um documento de trabalho. Ele deriva de trabalhos anteriores sobre a evolução do esporte e do lazer, sobre o esporte enquanto área reservada masculina e sobre o vandalismo ligado ao futebol[2]. Naqueles, nos interessávamos mais, diretamente ou indiretamente, pelos esportes e pelos contextos esportivos enquanto lugares socialmente aceitos para o ensino, a expressão e a perpetuação dos *habitus* (ou maneiras de ser), das identidades, do comportamento e dos ideais masculinos. No presente artigo, entretanto, nós desejamos ampliar nosso campo de estudo e proceder a uma análise preliminar de certos aspectos não apenas do esporte e da masculinidade, mas também do esporte e da feminilidade. Em suma, queremos adotar uma abordagem relacional mais explícita e mais evidente.

Essa ampliação de nosso campo de estudo não constitui uma passagem súbita para o campo das relações entre os sexos. Enquanto sociólogos das "configurações", utilizamos uma perspectiva dinâmica fundamentalmente relacional centrada no estudo dos processos sociais no tempo, e na busca de emergências, de continuidade, de ruptura e de progressão nas cadeias e redes de interdependências ("figurações")[3].

Nessa ótica, as relações entre os sexos vêm constituindo um de nossos principais campos de estudo desde os anos 70, como o reconheceu Suzan J. Birrell em 1988: "O artigo de 1973 de Kenneth Sheard e Eric Dunning intitulado The Rugby as a Type of Male Preserve merecia respeito por se tratar de um estudo sobre uma sub-cultura, mas como ele se concentrava de forma tão clara sobre os homens, as especialistas feministas não souberam reconhecer plenamente sua importância enquanto não perceberam que as relações entre os sexos constituíam, na verdade, o verdadeiro assunto desse estudo[4].

Nossos trabalhos anteriores centraram-se sobretu-

[1] Apresentamos uma versão resumida deste artigo no congresso da N.A.S.S.S./S.N.A.S.S., em Savanah, Geórgia, cujo tema era Sobrepujar as Desigualdades no Esporte.

[2] SHEARD, Kenneth e DUNNING, Eric. The Rugby Football Club as a Type of Male Preserve: some sociological notes, *International Review for the Sociology of Sport*, vol. 5, 1973, p. 5-24; DUNNING, Eric e SHEARD, Kenneth. *Barbarians, Gentlemen and Players*: a sociological study of the development of rugby football. Oxford: Martin Roberston, 1979; DUNNING, Eric *et allii*. The Social Roots of Football Violence, *Leisure Studies*, vol. 1, nº 2, 1982, p. 139-156; DUNNING, Eric. Sports as a Male Preserve: notes on the social sources of masculinity and its transformations, in ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric (ed.), *Quest for Excitement*: sport and leisure in the civilizing process. Oxford: Basil Blackwell, 1986; WILLIAMS, John *et allii*. Hooligans Abroad. Londres: Routledge, 1989; MURPHY, Patrick *et allii*. *Football on Trial*. Londres: Routledge, 1990; MAGUIRE, Joseph. Images of Manliness and Competing Ways of Living in Late Victorian and Edwardian England, *British Journal of Sport History*, vol. 3,

do em aspectos como o *habitus*, a identidade, o comportamento e a ideologia dos homens em contextos onde as relações de poder entre os sexos evoluíam. Neste artigo, queremos ampliar nosso campo de visão, acrescentando, ao lado masculino da equação, uma perspectiva feminina, mais precisamente alguns aspectos ligados à prática dos esportes pelas mulheres. Buscamos também demonstrar, talvez de modo mais claro e mais explícito do que no passado, que todos os trabalhos mencionados acima decorrem da teoria preliminar dos "processos de civilização" que foi proposta pela primeira vez por Elias em 1939. Entretanto, antes de abordar essas questões, queremos aprofundar-nos sobre as razões que nos levaram a apresentar um tal estudo.

A marginalização do esporte em Sociologia e o estudo da vinculação sexual

Se o esporte não figura como centro dos numerosos estudos sobre o **pertencimento** sexual situados na grande corrente da Sociologia, isto ocorre, talvez, em razão de sua marginalização enquanto objeto das teorias e das pesquisas sociológicas; em outras palavras, aos olhos da maioria dos defensores das teorias sociológicas que predominam atualmente, o esporte não levanta nenhum problema significativo[5]. Em nossa opinião, *Paradoxes of Gender*, de Judith Lorber[6], que inclui uma curta seção (p.41-44) sobre o esporte, constitui, até agora, a primeira exceção importante a essa situação. Em textos anteriores bem conhecidos sobre o pertencimento sexual[7] - desnecessário salientar que não falamos aqui da sociologia dos esportes -, mesmo quando se trata do esporte, este é habitualmente mencionado *en passant*, de modo periférico ao invés de ser considerado como um lugar importante para a construção das maneiras de ser e das identidades sexuais, como um lugar de vida social no interior do qual e a respeito do qual desenrolam-se atualmente numerosas lutas significativas centradas no pertencimento sexual. Considerando-se que os homens até agora dominaram amplamente o esporte, essa marginalização do esporte não pode ser surpreendente nos estudos sobre o pertencimento sexual enfocados nas mulheres. Essa marginalização é maior, em contrapartida, quando se considera o número crescente de livros e de artigos dedicados principalmente à construção social da masculinidade[8].

Pode-se principiar a entender as razões pelas quais o esporte é marginalizado nas principais tentativas de analisar a construção social da masculinidade, observando-se de que forma Arthur Brittan aborda essa questão em *Masculinity and Power*: "A imagem mais

1986, p. 265-287; ———. The Emergence of Football Spectating as a Social Problem, 1880-1985: a figurational and developmental perspective, *Sociology of Sport Journal*, vol. 3, 1986, p. 217-244.

[3] Para uma explicação completa desse conceito, ver ELIAS, Norbert. *Qu'Est-ce que la Sociologie?* Paris: Pandora/Des Sociétés, 1981.

[4] BIRRELL, Susan. Discourses on the Gender/Sport Relationship: from woman in sport to gender relations, *Exercise and Sport Sciences Reviews*, vol. 16, 1988, p. 481. Ver também a excelente coletânea de BIRRELL e COLE, Cheryl (ed.). *Women, Sport and Culture*. Champaign, Ill: Human Kinetics, 1994.

[5] DUNNING. Op. cit., 1986.

[6] LORBER, Judith. *Paradoxes of Gender*. New Haven e Londres: Yale University Press, 1994.

[7] HEARN, Jeff. *The Gender of Opression*: men, masculinity and the critique of Marxism. Brighton: Wheatsheaf, 1987.

[8] SEIDLER, Victor L.. *Rediscovering Masculinity*. Londres: Routledge, 1992; MORGAN, David H.. *Discovering Men*. Londres: Routledge, 1992.

popular da masculinidade na consciência de todos os dias é aquela do homem-herói, do caçador, do competidor, do conquistador. Uma coisa é certa: é a imagem que é glorificada na literatura, na arte e na mídia ocidental... Em certo sentido, a crença no homem-caçador ou no herói não parece ter nenhum fundamento no mundo quotidiano onde vive a maioria dos homens. Os homens têm pouquíssimas ocasiões de ser heróis, a não ser como passatempo ou nos esportes. O homem-caçador foi transformado no 'homem-sustentáculo da família'. As chances de heroísmo surgem apenas no campo dos esportes, e não na floresta durante uma perseguição sem tréguas para alimentar a tribo"[9].

[9] BRITTAN, Arthur. *Masculinity and Power*. Oxford: Basil Blackwell, 1989, p. 77.

Com razão, portanto, Brittan vê o esporte como uma fonte de "imagem de herói" para os homens. Entretanto, ao mencionar o esporte juntamente com o termo "passatempo" e ao conceitualizá-lo fora do "mundo quotidiano", ele lhe outorga um *status* periférico com relação àquilo que considera como o principal lugar onde é possível ter uma experiência de masculinidade nas sociedades contemporâneas: o papel do "homem sustentáculo da família". Em conseqüência, ele não pode explorar em profundidade aquilo que é talvez um dos lugares mais importantes da expressão e da preservação da masculinidade sob suas formas tradicionais. É óbvio que Brittan não é o único a vincular a masculinidade contemporânea antes de tudo ao mundo do trabalho. Uma tal abordagem econômica parece gozar de uma quase hegemonia nos estudos sociológicos contemporâneos, seja nesse campo, seja em outros. Em outras palavras, essa abordagem é tão evidente que ela se beneficia de um *status* que corresponde quase à ortodoxia sociológica.

Ao fazer essa afirmação, não temos a intenção de negar a importância do trabalho, de não reconhecer que a economia e a divisão sexual do trabalho são lugares onde são ensinados, expressos e perpetuados maneiras de ser, práticas e valores patriarcais, ou talvez melhor dizendo **andriarcais**[10]. O que desejamos é somente colocar em dúvida a afirmação segundo a qual os processos econômicos são os únicos a se encontrar no cerne dessa questão. Além disso, acreditamos que a marginalização do esporte como assunto de estudo sociológico reduziu, sem dúvida, o leque de pesquisa, pelo menos no que diz respeito ao pertencimento sexual e à divisão entre os sexos. Na verdade, quando se adota uma perspectiva não economicista, existem motivos para acreditar que nas sociedades contemporâneas o esporte é um dos lugares-chave para o estudo dessas questões.

[10] No sentido estrito, o termo andriarquia (ou andriarcal), que significa a dominação do macho e cujas raízes são gregas, é preferível ao termo patriarquia, porque este último tem raízes ao mesmo tempo latinas e gregas, e significa literalmente "dominação do pai". Cf. ELIAS, Norbert. The Changing Balance of Power Between the Sexes in the History of Civilization, *Theory, Culture and Society*, vol. 4, n. 2-3, p. 87-316.

A não ser para aqueles que o praticam em nível

profissional, o esporte é, evidentemente, uma atividade de lazer; entretanto, se a tese desenvolvida até agora possui algum valor, essa atividade parece ter uma importância considerável na formação da identidade, notadamente da identidade masculina[11]. De fato, as pressões em favor da prática dos esportes - quer provenham da mídia, da escola, do grupo etário e, em muitos casos, dos pais, que desempenham o papel de modelos - são tão fortes, que os homens britânicos, quase independentemente de sua classe social, mas talvez não de seu credo religioso ou de sua afiliação étnica, são obrigados, ao crescer, a proceder a uma adaptação interior. Parece ocorrer assim em todos os casos: quando eles se conformam e optam pela via esportiva nos seus lazeres e talvez também em sua vida profissional; quando eles se desviam da norma e se identificam a formas de cultura "anti-esportistas" que estão crescendo na sociedade britânica[12]; ou então quando seguem uma via intermediária entre esses dois extremos. É importante observar, nesse particular, que em numerosos setores da sociedade britânica, notadamente em meios totalmente masculinos, os homens "desviantes" que por uma ou outra razão optam pela vida anti-esportista, se arriscam a ser qualificados de forma insultuosa pelos seus pares, de "afeminados" e até mesmo de "homossexuais". A mesma tendência ocorre com a qualificação também insultuosa de "masculinas" ou "lésbicas" feita às mulheres desportistas. Bastaria essa antinomia para que o esporte colocasse problemas instigantes para aqueles que se interessam pelo pertencimento sexual. Vamos dar um passo a mais nessa argumentação examinando brevemente os estudos feministas recentemente elaborados na América do Norte sobre o esporte e a masculinidade.

[11] DUNNING, Eric. Woman and Sport: sport and gender in a patriarchal society. Conferência não publicada, apresentada ao Congresso Mundial de Sociologia, Madri, 1990.

[12] MARPLES, Morris. *The History of Football*. Londres: Fontana/Collins, 1954, p. 130 e seguintes.

Os estudos feministas nos Estados Unidos sobre o esporte e a masculinidade

No seu ensaio original intitulado Discourses on the Gender/Sport Relationship: from women in sport to gender relations, Susan Birrell[13] escrevia que dois artigos britânicos publicados nos anos 70 "eram aparentemente tão vanguardistas para o público americano, que eles haviam passado quase desapercebidos durante uma dezena de anos" (p. 481). Tratava-se dos artigos The Rugby Football Club as a Type of Male Preserve, de Sheard e Dunning, já mencionado, e Performance and Meaning, de Paul Willis[14]. Isto foi, sem dúvida, o que ocorreu há cerca de vinte anos. Posteriormente houve uma tendência a encerrar esses artigos no gueto da sociologia dos esportes e não lhes outorgar o reconheci-

[13] BIRRELL, Susan. Op. cit., 1988.

[14] WILLIS, Paul. Performance and Meanings: a sociological view of women in sport. Estudo não publicado, para o Centro de Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade de Birmingham, 1975.

mento devido na grande corrente da Sociologia; entretanto, nos Estados Unidos, desde os anos 80, os homens começaram a aplicar de forma inovadora "as perspectivas críticas das feministas" e surgiu um conjunto de trabalhos bastante adiantados em relação àquilo que a sociologia britânica oferece atualmente. Entre os principais líderes desse movimento, podemos mencionar Donald Sabo[15], Alan M. Klein[16] e Michael Messner. Eis o que Messner dizia, em 1987, a respeito das funções do esporte na formação da identidade masculina:

"Quando iremos começar a entender a intensidade do sentimento de identificação que muitos homens retiram de seu *status* de atleta? Antes de mais nada, como os homens não tiveram em todo lugar e em todas as épocas a relação que eles têm atualmente com o esporte, importa analisar essa realidade sob uma perspectiva histórica. Durante as duas primeiras décadas de nosso século, os homens receavam que o fechamento das fronteiras e a transformação dos locais de trabalho da família e da escola estivessem 'feminizando' a sociedade. O movimento escoteiro americano foi fundado em 1910 com o objetivo de criar uma esfera onde os homens pudessem inculcar nos meninos 'uma verdadeira virilidade'. Pode-se atribuir também, em grande parte, a esse fenômeno, o crescimento rápido dos esportes organizados naquela época. No momento em que as mudanças sócio-econômicas e familiares erodiam os fundamentos tradicionais da identidade e dos privilégios dos homens, o esporte tornou-se uma expressão cultural cada vez mais importante dos valores masculinos tradicionais e o esporte organizado transformou-se na principal experiência de validação da masculinidade"[17].

No pós-guerra, a burocratização e a racionalização do trabalho, além do declínio do salário familiar e da chegada gradual das mulheres à mão-de-obra, minaram mais ainda "o papel de arrimo da família" como fundamento da identidade masculina, o que acarretou uma "insegurança defensiva" nos homens. Em um nível ao mesmo tempo pessoal e existencial para os atletas, e simbólico, ideológico para os espectadores e torcedores, o esporte se transformou no "últimos bastiões" do poder e da superioridade masculina para combater a "feminização" da sociedade, e distanciar-se dessa feminização. A chegada do futebol (e do campo de futebol) ao nível de "jogo nacional dos americanos" deve-se sem dúvida à clareza reconfortante que ele projeta entre os dois pólos do poder masculino tradicional, a força e a violência, e aos receios contemporâneos de uma feminização da sociedade[18].

As opiniões expressas por Messner se identificam

[15] SABO, Donald. Sport, Patriarchy and Male Identity: new questions about men and sport. *Arena Review*, vol. 9, 1985, p. 1-30.

[16] KLEIN, Alan M.. Little Big Man: hustling, gender narcissism and bodybuilding subculture. *In* MESSNER, Michael A. e SABO, Donald (ed.). *Sport, Men and the Gender Order*: critical feminist perspectives. Champaign, Ill.: Human Kinetics, 1990.

[17] MESSNER, Michael. The Life of a Man's Seasons: male identity in the life-course of the jock. *In* KIMMEL, Michael S. (ed). *Changing Men*. Londres: Sage, 1987, p. 53-67.

[18] Ibidem.

com as nossas no que diz respeito aos limites das abordagens de autores como Brittan a respeito da identidade masculina. Elas nos parecem, entretanto, indevidamente restritas ao contexto americano. Não esqueçamos que esportes organizados como o cricket e o boxe nasceram e disseminaram-se na Inglaterra bem antes que o esporte organizado tenha dado seus primeiros passos nos Estados Unidos. O movimento escoteiro foi também desenvolvido primeiro no Reino Unido. Na verdade, a inquietação acerca da "feminização da sociedade" vem manifestando-se na Inglaterra desde a época dos escritos de Charles Kigsley e parece ter desempenhado um papel no aparecimento do "cristianismo musculoso"[19], o qual, salvo erro, também foi, no início, um movimento britânico. Tudo isso deixa perceber a intervenção de um processo social ampliado que se difundiu em parte através do Atlântico (talvez nos dois sentidos) e, em conseqüência, a necessidade de um modelo explicativo ampliado, menos tipicamente centrado na América e capaz de elucidar tais fenômenos. Idealmente, esse modelo deveria nos esclarecer a respeito de uma questão que Messner não abordou no artigo do qual extraímos nossa citação, isto é, a gênese social e a conseqüência da entrada das mulheres nos esportes, em um leque de atividades anteriormente reservadas quase que exclusivamente aos homens nas sociedades ocidentais modernas largamente andriarcais.

Pode-se dizer que existem, no artigo de Messner, dois indícios implícitos que fazem acreditar que a teoria dos processos de civilização de Elias pode oferecer não todas as respostas, mas algumas pistas úteis para a construção de um tal modelo. Mais precisamente, somos levados a acreditar em duas coisas: (i) ao impor restrições à violência dos homens dominantes, o fechamento das fronteiras talvez tenha marcado, na evolução da sociedade americana, uma etapa similar de certa forma ao processo que se desenvolveu no contexto europeu e que Elias denominou de "cortesanização dos guerreiros", isto é, o deslizamento significativo da sociedade européia em direção a uma civilização que levou os membros das classes reinantes a passar do papel de guerreiros ao de cortesãos[20]; (ii) o que era percebido como uma "feminização" dos nascentes Estados Unidos, e certamente no Canadá também, era, na verdade, uma variante norte-americana da experiência comum vivenciada pelas sociedades que estão iniciando um duplo processo: a formação do Estado e a pacificação sob o controle do Estado, isto é, duas das características-chave de um processo de civilização, segundo Elias[21]. Vejamos de maneira mais

[19] SHEARD, Kenneth. *The Development of Rugby Football*: a sociological study. Dissertação de Mestrado, Universidade de Leicester, 1972; MAGUIRE, Joseph, 1986b, op. cit.; BLOOMFIELD, Anne. Muscular Christian or Mystic? Charles Kingsley reappraised, *International Journal of the History of Sport*, 1994, vol. 11 n. 2, p. 172-190.

[20] No interior desse processo geral havia, evidentemente, diferenças entre os países europeus.

[21] Pode ser que o "fechamento das fronteiras", no contexto de um processo de civilização, caracterize o desenvolvimento de todas as sociedades que se formaram nas colônias, como, por exemplo, a Austrália, a África do Sul e a Nova Zelândia, e que não seja apenas o caso dos Estados Unidos e do Canadá. Variantes de processos comparáveis puderam também ocorrer nos países colonizados por Portugal e pela Espanha.

detalhada o que envolve, a nosso ver, a teoria dos processos de civilização.

Um breve esboço da teoria dos processos de civilização

O nó da teoria dos processos de civilização é um fato empiricamente demonstrável, a saber, que nas sociedades da Europa ocidental, entre o início da Idade Média e os tempos modernos, assistiu-se à elaboração e ao refinamento do saber-viver e das normas sociais, além de um crescimento das pressões sociais sobre os indivíduos a fim de que eles exercecem, por eles mesmos, um "domínio de si" estrito, uniforme, constante e moderado sobre suas emoções e seus comportamentos. Em um comentário posterior, Norbert Elias descreve assim essa tendência predominante:

"...a idéia de que a característica principal de um processo de civilização seja o crescimento do auto-domínio (cria) um mal-entendido fundamental(...) A característica de um processo de civilização é antes de mais nada a auto-restrição em tudo(...) Em segundo lugar, a característica de um tal processo é a uniformidade das restrições em todos os tipos de relação com ligeiras diferenças de grau(...) na auto-restrição que cada um deve se impor em privado e em público(...) Em outras palavras, uma maior moderação em tudo e não somente em algumas situações; mas isto ainda não basta(...) A característica de um processo de civilização é, em terceiro lugar, o aspecto completo e uniforme das *Selbtswänge* (auto-restrições) em uma zona intermediária, isto é, entre os extremos(...) É a integração de um domínio de si moderado (nem demais nem pouco) que é a marca dos níveis superiores dos processos de civilização"[22].

Da forma com que Elias os conceitualiza, os processos de civilização da Europa ocidental são processos a longo prazo, "cegos" ou não planejados, nos quais os grupos socialmente superiores tomam a iniciativa de normas que têm tendência a se disseminar, às vezes de maneira bastante desigual, do alto para baixo da escala social. No curso desses processos, produz-se um deslizamento do equilíbrio entre as restrições externas (*Fremdzwänge*) e a auto-restrição (*Selbtswänge*) em favor da auto-restrição, da mesma forma que um aumento, ao nível do *habitus* e da personalidade, da importância da consciência, no sentido do superego de Freud, enquanto regulador do comportamento. Em outras palavras, durante os processos de civilização da Europa, as normas sociais acabaram sendo profundamente interiorizadas e acabaram intervindo não apenas de forma consciente, mas de forma ainda mais signifi-

[22] *Apud* WOUTERS, Cas. Ja, Ja, Ik Was Nog Niet Zoo'n... *In* ISRAELS, Mieke e DE SWAAN, Abram (ed.). *Over Elias*. Amsterdam: Het Spinhuis, 1993, p. 7-21.

cativa aquém do nível racional e do controle consciente, por exemplo, através do surgimento de sentimentos de angústia, de culpa e de vergonha.

Existe um aspecto dos processos de civilização da Europa que possui uma importância maior na evolução do esporte moderno e, se nossa tese é correta, na evolução das relações entre os sexos, em um contexto esportivo ou não esportivo. Trata-se do maior cerceamento das normas de regulação da violência e da agressão, e do declínio, na maioria dos indivíduos, de sua tendência a sentir prazer em participar de atos violentos ou de testemunhar esses atos. Com relação a esse assunto, Elias menciona "uma atenuação do *Angrigffslust*"[23]. Trata-se literalmente do enfraquecimento da pulsão de atacar, isto é, a capacidade de dominar o desejo e o prazer de atacar fisicamente os outros. Isto trouxe duas conseqüências psicológicas. Primeiramente um abaixamento do "limiar de repugnância" (*Peintlichkeitsschewelle*) em fazer derramar sangue ou em provocar outras manifestações diretas de violência física. Como conseqüência, os indivíduos tendem mais hoje em dia, do que na Idade Média, a ter um movimento de recuo ou a sentir mal-estar em presença dessas manifestações. A segunda conseqüência é a interiorização, na consciência do superego, de um tabu severo com relação à violência. Resulta daí o surgimento de um sentimento de culpa cada vez que o tabu é violado. Observa-se, paralelamente, uma tendência em ocultar a violência, tendência esta que se manifesta talvez de modo mais claro pelo abandono das execuções públicas, e esse é um ponto sobre o qual Elias e Foucault[24] se entendem. Segue-se, daí, que aqueles que desejam sempre e de modo aberto encontrar prazer na violência são descritos em termos que se aproximam da linguagem da psicopatologia e são punidos com o desprezo, a hospitalização ou a detenção, ou mesmo através de uma combinação desses três meios.

No espírito popular, a violência e a civilização constituem geralmente uma antítese; segundo Elias, entretanto, a civilização a longo prazo do Ocidente desenvolveu-se por acaso ao mesmo tempo que as lutas **hegemônicas** ou **eliminatórias** entre os reis e outros senhores feudais. Essas lutas acarretaram, em cada um dos novos Estados-Nações formados na Europa, o estabelecimento de monopólios mais ou menos estáveis e eficazes sobre os dois grandes instrumentos de dominação que se reforçam mutuamente: o uso da força e a taxação. Em outras palavras, se Elias tem razão, longe de constituir uma antítese em um sentido simplista, a violência e a civilização se caracterizam como formas específicas de interdependência. Mais precisamente, a

[23] ELIAS, Norbert. *Über den Prozess der Zivilisation*, 1939, p. 263-283.

[24] FOUCAULT, Michel. *Surveiller et Punir*. Paris: Gallimard, 1977.

civilização depende de uma reivindicação eficaz de um controle monopolístico dos instrumentos da violência, e essa reivindicação se apóia num monopólio dos impostos que tornava o principal senhor bastante rico para poder recorrer a um exército e a uma polícia bem equipados. Por seu turno, o monopólio da violência facilita a manutenção do monopólio dos impostos e acarreta a pacificação interna e o crescimento econômico. Em suma, pode-se dizer que um processo de civilização é basicamente função da interação entre a formação do Estado e o crescimento da riqueza.

Em *The Civilizing Process*, como em outras obras, Elias se interessa pelas variações do tempo, pela rapidez e pela trajetória dos processos de civilização e de formação dos Estados nas grandes sociedades da Europa Ocidental, particularmente na Inglaterra, na França e na Alemanha[25]. Por falta de espaço, não podemos analisar aqui todas essas variações. Entretanto, no âmbito de nosso estudo, podemos dizer que existem quatro aspectos dos processos de civilização da Europa geralmente encontrados em todo lugar. São:

(i) o que Elias chama de "cortesanização dos guerreiros" (*die Verhöflichung der Krieger*), isto é, a transformação, na época feudal, dos guerreiros (cavaleiros) da classe reinante em cortesãos;

(ii) a passagem da propriedade privada dos instrumentos de dominação para formas mais públicas, passagem esta que os parlamentares eleitos e as elites oriundas de suas classes estão cada vez mais dirigindo;

(iii) um alongamento das cadeias de interdependência, isto é, um aumento da divisão do trabalho e uma ampliação do comércio intercomunal e internacional;

(iv) "uma democracia funcional", um deslizamento em direção à igualdade, não necessariamente significativo sob o ângulo da dinâmica social, nas relações entre os dirigentes e os dirigidos, porque os primeiros dependem mais dos segundos, por exemplo, para as guerras ou para as eleições. No tocante a isso, ocorrem também, segundo Elias, deslizamentos igualitários na "balança dos poderes" entre as classes sociais, os grupos etários e os sexos.

Como temos a intenção de demonstrar, é esse último deslizamento no "equilíbrio dos poderes" que foi importante na evolução das relações entre os sexos no campo do esporte, e é essa questão que iremos agora estudar. Examinaremos inicialmente a forma como certas lutas que opõem formas concorrenciais de "virilidade" desempenharam um papel na elaboração dos tipos modernos de futebol. Demonstraremos que a teoria dos processos de civilização ajuda a entender a emergência dessas formas concorrenciais.

[25] Eric Dunning e Stephen Mennell preparam atualmente uma tradução inglesa de *Studien über die Deutschen*, de Elias, para a editora Polity Press.

Civilização, "esportização", "virilidade" e surgimento dos tipos de futebol

Reconhece-se, de maneira geral, que as formas nitidamente modernas do esporte apareceram inicialmente na Inglaterra. Se nossa tese é correta, as primeiras etapas daquilo que Elias[26] chama de "a transformação dos passatempos em esportes" tiveram duas grandes fases: uma primeira, no século XVIII, durante a qual as transformações da personalidade e dos hábitos das classes reinantes, em que predominavam os da terra, ocorreram ao mesmo tempo que a "parlamentarização dos conflitos políticos", o que levou esses grupos a adotar formas mais reguladas, mais controladas e mais civilizadas de caça, de corridas de cavalo, de boxe e de *cricket*; uma segunda fase, no século XIX, marcou o surgimento de formas mais regulamentadas de atletismo e de alpinismo[27], mas sobretudo o aparecimento de jogos de bola mais civilizados como o *soccer*, o *rugby*, o *hockey* de grama e o tênis[28]. As primeiras manifestações dos jogos que vieram a se tornar o *rugby* e o *soccer* ocorreram nas escolas públicas entre 1830 e 1850, no momento em que essas escolas iniciavam um processo de civilização associado à reforma do sistema dos "bedéis chicoteadores" e à consolidação do poder dos professores[29]. Essas escolas acabaram se transformando em importantes agentes de unificação das classes proprietárias de terra já instaladas e da burguesia industrial em ascensão, e tudo parece indicar atualmente que foi num tal contexto que as questões de esporte e de "virilidade" se manifestaram explicitamente pela primeira vez.

Os pais pertencentes às classes superiores e médias que mandavam seus filhos para as escolas públicas consideravam, naquela época, esses estabelecimentos e sobretudo seus esportes e seus jogos como indispensáveis ferramentas de aprendizados da virilidade e da independência. Em contrapartida, tendo em vista que, com o crescimento da industrialização, da urbanização e do papel do Estado, o equilíbrio de poderes entre a classe dos proprietários de terra e a classe industrial se modificava pouco a pouco em favor da segunda, as rivalidades de *status* se avolumavam entre antigas escolas mais aristocráticas como Eton e Harrow, e as novas escolas mais aristocráticas como a Rugby. Essa rivalidade entre as escolas se manifestava em todas as suas relações, mas principalmente nos esportes e nos jogos dos meninos. Por exemplo, quando os alunos da Rugby começaram, nos anos de 1830 a 1840, a granjear reputação por causa da nova forma de futebol que era jogado na sua escola (o protótipo do

[26] ELIAS, Norbert. *The Civilizing Process*. Op. cit., 1994.

[27] DONNELLY, Peter. Social Climbing. *In* DUNLEAVY, Aidan, MIRACLE, Andrew e REES, Roger (ed.). *Studies in the Sociology of Sport*. Fort Worth: Texas University Press, 1982, p. 13-28.

[28] DUNNING, Eric. Op. cit., 1990.

[29] DUNNING e SHEARD. Op. cit., 1979.

rugby moderno), os alunos de Eton reagiram adotando variações diametralmente opostas em muitos aspectos do futebol clássico (o protótipo do *soccer* moderno). Nesse processo, não se expressavam apenas rivalidades de *status*, mas também ideais divergentes acerca do comportamento de um *gentleman*, e também ideais divergentes acerca do grau de violência e de agressão masculinas socialmente desejável e aceitável no esporte.

Quando as formas de futebol das escolas públicas começaram a se disseminar nas universidades e por toda a sociedade britânica, houve muitas tentativas de modelar um jogo nacional. Estas, entretanto, fracassaram todas e a divisão entre o *rugby* e o *soccer*, que pode ser atribuída à rivalidade entre Eton e Rugby nos anos 1830 e 1840, perpetuou-se no nível nacional. Mais precisamente, os partidários do *rugby* tinham uma concepção tradicional da virilidade que fazia realçar a coragem e a força física, enquanto que os defensores do novo *soccer* eram a favor de uma virilidade mais contida e mais civilizada. Em si, o *soccer* (ou futebol como é chamado habitualmente fora da América do Norte) atrai enormemente os amantes incondicionais do "lazer racional". Um deles, Gideon Guthrie falava assim, em 1889/90 a respeito do que chamava de "bíblia do futebol":

"Além do valor real do altruísmo, do domínio de si mesmo e do bom humor, o futebol mostra, por exemplo, a necessidade da amabilidade e da lealdade, a superioridade do espírito sobre o corpo, a moderação e a humildade... Durante cada partida esses preceitos morais são apresentados como exemplo para os espectadores que têm também a ocasião de condenar as maneiras e as condutas faltosas, e ousamos crer que esses breves sermões do domingo à tarde não deixam de ter efeitos sobre a reforma da população"[30].

[30] GUTHRIE, Gideon. What's the Good of Football?, *Scottish Football Annual*, Edimburgo, 1889-90, p. 38.

Os esforços dos adeptos do lazer racional, dos "cristãos musculosos" e de outros, contribuíram de forma notória a fazer do *soccer* o "esporte do povo" na Inglaterra. Por outro lado, as virtudes "racionais" de altruísmo, de domínio de si, de amabilidade, de lealdade, de moderação e de humildade não representavam o principal atrativo desse jogo aos olhos de um número crescente de jogadores e de espectadores da classe operária. A maioria deles aderia a normas tradicionais de masculinidade e se identificava bem mais com os valores locais que exigiam a vitória a todo custo, do que com as noções de *fair play* da classe média.

No fim da época vitoriana e durante a época eduardiana, podia-se portanto ver ideais rivais de masculinidade, associados ao processo de civilização, influenciar diferentemente as diversas classes sociais. Em

contrapartida, numa situação internacional cada vez mais conflituosa, as necessidades sentidas pelo Estado iam contra o desejo dos participantes dos lazeres racionais que desejavam utilizar jogos como o *soccer* para promover o que eles concebiam como a "harmonia entre as classes" e a "força moral". Por causa da necessidade constante de "guerreiros", para a guerra dos Boers por exemplo, a educação física tonara-se obrigatória nas escolas do Estado. Aulas de ginástica destinadas às massas vieram agregar-se ao aprendizado das qualidades de chefia através dos jogos praticados nas escolas públicas. No nosso entender, em uma situação de conflitos cada vez mais marcados entre as classes e as nações, os objetivos de grupos como o dos partidários dos lazeres racionais se tornavam utópicos, sendo submergidos pelo vínculo crescente entre o esporte e o ensino de formas agressivas de masculinidade com o objetivo de formar as diversas fileiras do exército.

No fim do século XIV e no início do século XX, o crescimento do esporte trouxe consigo também, no continente europeu e em numerosas partes do império oficial e não oficial[31] da Inglaterra, a difusão de esportes, de ideologias e de pessoal britânico. Essa difusão estava diretamente associada a duas tendências interligadas: uma aceleração do processo de mundialização que vinha ganhando terreno desde o século XVI, e o conexo surgimento em diversos países de formas intensas de nacionalismo que se estimulavam e se sustentavam mutuamente[32]. Os esportes masculinos e os valores de uma masculinidade agressiva desempenhavam aqui um papel crucial. Hobsbawm[33], por exemplo, assinala que "as três últimas décadas de século XIX marcaram uma transformação decisiva na difusão dos esportes antigos, da invenção de novos, e da institucionalização da maioria dos esportes no cenário nacional e até mesmo internacional". A título de exemplo, vejamos como se manifestou, no *rugby* do País de Gales uma identidade/maneira de ser nacional e um modelo de relações entre os sexos comportando uma masculinidade agressiva e a subordinação das mulheres.

[31] PERKIN, Howard. Teaching the Nations How to Play: sport and society in Britain, *International Journal of the History of Sport*, vol. 6, n.2, 1989, p. 145-155.

[32] MAGUIRE, Joseph. Preliminary Observations on Globalization and the Migration of Sport Labour, *The Sociological Review*, 1994, vol. 42, n.3, p. 452-480.

[33] HOBSBAWM, Eric. Mass-producing Traditions: Europe, 1870-1914. *In* HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (ed.). *The Invention of Tradition*. Cambridge University Press, 1983, p. 298.

Pertencimento sexual, *habitus*/identidade e *rugby* do País de Gales

Na qualidade de sociólogos das configurações, não nos interessa unicamente a forma pela qual as identidades estão vinculadas à "invenção permanente de tradições" como o demonstrou de forma tão hábil Hobsbawm[34]. Esse aspecto é apenas um de nossos pontos de interesse. Por outro lado, Hobsbawm e aqueles que seguiram seu caminho parecem, a nosso

[34] Ibidem.

ver, considerar a **identidade** sobretudo no nível superior da consciência. Do ponto de vista da sociologia das configurações é igualmente interessante ver como, em conseqüência de uma certa maneira de ser durante o decurso dos anos, e no decorrer de processos sociais a longo prazo - em sua maioria não planejados -, os modos de pensar, de sentir e de se comportar acabam por chegar ao nível do *habitus*. Num certo sentido, poder-se-ia dizer que os corpos dos indivíduos acabam se transformando em "lugares de lembranças sociais"[35]. De fato, como Stephen Mennel[36] o salientou de modo correto, "as diversas camadas de *habitus* que são encontradas hoje em dia nos indivíduos, podem talvez provir de numerosas épocas diferentes".

No cerne da tese que desejamos apresentar está a idéia de que o esporte moderno surgiu numa arena onde eram desenvolvidos e experimentados processos de formação pessoal e coletiva de *habitus*/identidade. O esporte acabou por desempenhar um papel importante na encarnação e na expressão de identidades múltiplas. Uma das características-chave do processo esportivo[37] é o fato de que classes sociais, sexos, etnias, grupos nacionais e infra-nacionais diferentes(aqueles que estão melhor estabelecidos, aqueles que estão em ascensão, aqueles que estão em declínio e aqueles que continuam a ser excluídos) servem-se do esporte para representar, conservar ou questionar sua identidade e sua posição nos diversos tipos de *status*. É dessa maneira que os esportes funcionaram no Reino Unido, pelo menos a partir de 1880, quando se transformaram em práticas nacionais[38]. Nesse contexto, diferentes formas de esporte acabaram simbolizando identidades comuns, infra-nacionais e nacionais, no centro das quais se encontra a utilização de bandeiras, de hinos e emblemas nacionais e infra-nacionais[39]. Segue-se daí que as práticas esportivas acabam sendo para coletividades e nações rivais uma ocasião de se afirmar. A propósito da relação entre o esporte e o nacionalismo, Hobsbawm observa o que se segue:

"O que fez do esporte o meio eficaz por excelência para inculcar sentimentos nacionais, durante todas as manifestações destinadas aos homens, é a facilidade com a qual o indivíduo mais apolítico e o menos público pode se identificar com uma nação simbolizada por jovens que são excelentes (num esporte), onde todos gostariam de... ser bons. A coletividade imaginária de milhões de seres parece mais real sob a aparência de uma equipe de onze indivíduos de nomes conhecidos[40].

O autor esquece de salientar que no esporte, tanto quanto na guerra, os indivíduos podem adquirir uma comunidade de interesses **real** que não é simples-

[35] MAGUIRE, Joseph. Bodies, Sportscultures and Societies: a critical review of some theories in the sociology of the body. *International Review for the Sociology of Sport*, 1993, vol. 28, n. 1, p. 33-52.

[36] MENNEL, Stephen. The Formation of We-Images: a process theory. *In* CALHOUN, Craig (ed.). *Social Theory and the Politics of Identity*. Oxford: Basil Blackwell, 1994.

[37] DUNNING, Eric, MAGUIRE, Joseph e PEARTON, Robert. *The Sports Process*: a comparative and developmental approach. Champaign, Ill.: Human Kinetics, 1993.

[38] MAGUIRE, Joseph. Op. cit., 1993.

[39] HOBSBAWM. Op. cit., p. 11; SMITH, Anthony. *National Identity*. Harmondsworth: Penguin, 1991, p. 77.

[40] HOBSBAWM. Op. cit., p. 143.

mente imaginária e que pode, em certa medida, transcender diferenças de classes sociais, de regiões, de etnias e de sexos que os separam em outros momentos. Entretanto, seus comentários não são destituídos de interesse. Assim, ele observa com justeza o caráter másculo do esporte moderno, o fato de que ele foi criado por homens e para homens, que ele acaba simbolizando valores masculinos e expressando *habitus* e identidades masculinas. Quando as inglesas da época vitoriana começaram a entrar no mundo do esporte, elas tiveram que "jogar como cavalheiros e se comportar como damas"[41]. O *rugby* do País de Gales ilustra de modo muito claro esses comportamentos sexuados.

Aos olhos de muitos observadores, o *rugby* galês é representativo de uma (infra)nação. Em nível nacional, o dragão galês ainda sobrevive. Os jogos, em todos os níveis, mas sobretudo no nível internacional, salientam os cantos dos homens. No campo, um esporte duro, masculino - representando os códigos viris da antiga toda poderosa indústria de mineração -, é jogado contra "jogadores de fora" (os excluídos). O dia do jogo é uma festa masculina e os jogadores são descritos como os representantes de um povo que os ingleses privaram de sua aspiração nacional. Uma vitória no campo de *rugby* repara simbolicamente os prejuízos que os galeses sofreram no curso dos séculos. Os comentários seguintes, endereçados aos seus jogadores por Phil Bennet, o capitão da equipe galesa, antes de uma partida, em 1977, ilustram esse desafio:

"Esses ingleses contra os quais vocês vão jogar daqui a pouco tomaram nosso carvão, nossa água, nosso aço; eles compram as nossas casas e ali moram duas semanas por ano. Gareth, eles tomaram seu ganha-pão, a pesca, comprando todos os direitos de pesca nos nossos magníficos rios. Há séculos que os ingleses nos exploram e nos pilham, e hoje estamos jogando contra eles"[42].

Comentários dessa natureza não levam em conta o papel desempenhado por certos grupos galeses na sujeição de sua (infra)nação. Eles tampouco falam do grau de integração dos galeses à vida nacional do Reino Unido como o ilustra a nomeação de um galês, David Lloyd George, ao posto de primeiro-ministro. No âmbito de nossa tese, entretanto, esses comentários explicam porque as partidas entre galeses e ingleses tendem a ser ferozes, duras, e são antes de mais nada um evento **masculino**.

Durante a década de 70, o País de Gales era a primeira nação do hemisfério norte em termos de jogo de *rugby*. Entretanto, no fim da década de 80 e a partir do início dos anos 90, a Inglaterra começou a dominar.

[41] HARGREAVES, Jennifer. *Sporting Females*: critical issues in the history and sociology of women's sports. Londres: Routledge, 1994, p. 68.

[42] *The Guardian*, 2 de fevereiro de 1993, p. 18.

Antes de uma partida, em fevereiro de 1993, os membros da equipe galesa foram descritos não somente como homens que faziam parte de uma longa linhagem de jogadores que haviam imposto derrotas à pérfida Albion, mas também como homens cujas façanhas iria lembrar a coragem masculina demonstrada pelos regimentos galeses a serviço do império britânico. A linha dos jogadores da defesa que vestia a camisa vermelha dos galeses era comparada à "fina linha vermelha" de Rourke contra os Zulus em 1880[43]. Da mesma forma como os soldados galeses ganharam aquela batalha, a equipe galesa também tinha ganho "mesmo se tudo estava contra ela". Ao gabar essa vitória inesperada contra os ingleses, o correspondente galês Clem Thomas escrevia o seguinte:

"Uma vez conhecida essa vitória, os cantos nos templos assumirão sonoridades divinas. Depois os bares encher-se-ão de pessoas alegres; nossas boas galesas prepararão doces galeses e abraçarão seus homens. Porque o *rugby* é tudo isso ao mesmo tempo"[44].

Vemos surgir aí, de modo mais conciso mas vivo, as idéias sexistas acerca do esporte ou da identidade nacional ligadas àquilo que Schwartz[45] chama de "condutas cotidianas que passam desapercebidas". É o pertencimento sexual que nos interessa antes de tudo aqui. Vejamos se, em teoria, os "processos de civilização" podem contribuir para explicar a prática crescente dos esportes entre as mulheres e as correspondentes reações dos homens. Para saber se isto é verdadeiro, e até que ponto, será necessário voltar uma vez mais a nos debruçar sobre algumas questões fundamentais.

[43] *The Independent*, 8 de fevereiro de 1993, p. 21.

[44] *The Observer*, 7 de fevereiro de 1993, p. 63.

[45] SCHWARTZ, Barry. England in Europe: reflexions on national identity and cultural theory, *Cultural Studies*, vol. 6, 1992, p. 203.

O esporte, a feminilidade e as reações masculinas de acordo com a teoria dos processos de civilização

Além de nos ajudar a compreender a emergência do esporte como lugar central onde se manifestam e são vividos os ritos da **validação da masculinidade** nas sociedades modernas, parece-nos que a teoria dos processos de civilização oferece certas vantagens para a compreensão dos problemas levantados pelo esporte e pela feminilidade. Ao considerar essas questões de maneira inovadora, essa teoria nos oferece mais particularmente um início de explicação em três áreas ao mesmo tempo: (i) a apropriação relativa pelas mulheres de poder em grau suficiente para exigir, com sucesso cada vez maior, entrar naquilo que era no início um campo reservado exclusivamente aos homens; (ii) no âmbito da ideologia e dos valores, uma evolução conexa daquilo que constitui formas socialmente aceitáveis de *habitus*, de identidade e de comporta-

mento nas mulheres; e, (iii) as reações masculinas, positivas ou negativas, frente ao crescimento do esporte feminino. Para mostrar o papel que a teoria da civilização desempenha, torna-se necessário expor aqui algumas hipóteses-chave.

De acordo com a primeira hipótese-chave dos sociólogos das configurações acerca das questões de sexo e de pertencimento sexual, as relações entre os homens e as mulheres, como todas as demais relações sociais, dependem fundamentalmente do caráter e da estrutura geral da sociedade na qual esses homens e essas mulheres vivem. O tipo de economia e o tipo de desenvolvimento econômico da sociedade são especialmente importantes nesse caso. O mesmo ocorre com a posição da sociedade com relação às outras sociedades e com a qualidade guerreira ou pacífica de suas relações inter-societais. Não é preciso lembrar, entretanto, que o fato dessa sociedade ser um Estado possui a mesma importância e que nesse caso é preciso saber até que ponto ela conseguiu monopolizar, de maneira segura e eficaz, a força física e, em razão disto, os impostos. Em outras palavras, se a teoria de Elias é correta, a forma e o caráter específico das relações entre os sexos e das identidades sexuais, assim como os valores e as ideologias acerca das relações entre os sexos, serão função, em parte, da trajetória específica dessa sociedade no decurso do processo de civilização e do nível que ela atingiu. De acordo com a segunda hipótese-chave, os homens e as mulheres são totalmente interdependentes porque eles precisam uns dos outros para a reprodução, e porque todas as sociedades que não atribuem à reprodução uma importância bastante elevada na sua escala de valores não tardam a morrer. Além disso, os homens e as mulheres precisam uns dos outros na esfera sexual, embora um certo número de membros de cada sexo possa evidentemente desenvolver tendências homossexuais. (Digamos, *en passant*, que o grau de tolerância dos *gays* em uma sociedade pode ser considerado como um índice do nível de civilização.) Em suma, se nossa segunda hipótese for correta, as relações entre os homens e as mulheres se caracterizam por uma interdependência fundamental que tem, de um lado, raízes biopsicológicas e, do outro, raízes sócio-culturais. Em outras palavras, não negamos a significação **crucial** da cultura e do aprendizado nesse campo da mesma forma como, por exemplo, Gagnon e Simon[46] e Plummer[47] o salientaram, mas, a nosso ver, a perspectiva desses autores constitui uma variante daquilo que Wrong[48] chamou de "concepção demasiadamente socializada do homem"(*sic*!). De acordo com a terceira hipótese-

[46] GAGNON, John H. e SIMON, William (ed.). *Sexual Conduct*: the social sources of human sexuality. Chicago: Aldine de Gruyer, 1973.

[47] PLUMMER, Kenneth. *Sexual Sigma*: an interactionist account. Londres: Routledge, 1975.

[48] WRONG, Dennis H.. The Oversocialized Conception of Man in Modern Sociology, *American Sociological Review*, 1961, vol. 26, n. 2, p. 183-193.

chave, a interdependência dos homens e das mulheres, como todas as demais interdependências humanas, pode ser melhor concebida no nível fundamental, como um "equilíbrio de poderes" ou uma "relação de forças"[49]. O termo equilíbrio não deve ser aqui tomado em seu sentido estático de igualdade, mas ressalta mais a dinâmica fundamental e o caráter relacional e relativo do poder. De acordo com a quarta hipótese, no cerne do equilíbrio dinâmico dos poderes entre os sexos existe em toda sociedade não somente a aptidão relativa dos homens e das mulheres para dominar os recursos econômicos, políticos e ideológicos, mas também sua aptidão relativa para empregar a violência e se dar ou se recusar mutuamente favores sexuais.

[49] ELIAS, Norbert. *Qu'Est que la Sociologie?* Traduzido do alemão por Yasmin Hoffman. Paris: Pandora/Des Sociétés, 1981.

Pelo menos dois fatos inegáveis podem se vincular a esse conjunto de hipóteses-chave:

(i) em todas as sociedades conhecidas (a) mesmo que exista evidentemente um certo encavalamento entre os sexos e (b) mesmo que a diferença de tamanho entre os homens e as mulheres seja função não apenas da biologia, mas também de processos sociais vinculados, por exemplo, à divisão sexual do trabalho, ao nível de desenvolvimento econômico e, conseqüentemente, à construção social dos corpos[50], os homens tenderam até agora a ser maiores, mais rápidos e fisicamente mais fortes do que as mulheres e, em conseqüência, são mais aptos para o papel de combatentes;

[50] DURKHEIM, Emile. *De la Division du Travail Social.* Paris, 1893; SHORTER, Edward. *A History of Women's Bodies.* Nova Iorque: Basic Books, 1982; MAGUIRE, Joseph. Op. cit., 1993.

(ii) as menstruações, e principalmente, a gravidez e o aleitamento tendem a fazer com que as mulheres percam, entre outras capacidades, a de combater.

É certo que a tecnologia das armas modernas pode contrabalançar e talvez mesmo anular completamente as vantagens inatas do homem para o combate. Paralelamente, a invenção dos tampões higiênicos reduziu o inconveniente das menstruações; os meios modernos de controle dos nascimentos reduziu o número de anos de vida que as mulheres dedicam à concepção; e a alimentação com mamadeira permite que os homens possam nutrir o bebê. Em outras palavras, o inverso é também verdade: quanto menores os progressos científicos e técnicos, maiores serão as vantagens que os homens extraem de sua força física e de suas aptidões ao papel de caçadores/combatentes, e, se tivermos razão, esta é uma das principais fontes do andriarcado (patriarcado). Por outro lado, é razoável supor, sempre, desde que a teoria de Elias esteja correta, que o nível de formação de um Estado em uma sociedade, notadamente o nível de controle monopolístico eficaz da força física que esse Estado é capaz de sustentar, terá sem dúvida uma influência significativa sobre o equilíbrio dos poderes que se

desenvolve entre os sexos. Vejamos a justeza de nossas hipóteses-chave voltando mais uma vez à evolução do esporte moderno.

Importa ressaltar, desde logo, que muitos esportes são formas de combate (a caça é evidentemente uma forma de combate) e que o combate e o esporte parecem ambos decorrer de modo complexo das mesmas raízes psicológicas e sócioculturais ou de raízes aparentadas. Isto aparece, de modo evidente, nas diversas formas de caça esportiva e nos esportes de combate como o boxe, a luta e a esgrima que são, na verdade, formas de combate sancionadas pela sociedade. Entretanto isto ocorre também em esportes onde há contatos físicos como o *soccer*, o futebol americano e o *rugby*, que podem ser descritos como combates simulados entre equipes rivais. Mesmo não tendo usado essa expressão, o famoso coríntio C.B. Fry reconheceu implicitamente esse estado de coisas, quando escreveu o que se segue, em 1899:

"É o bárbaro que existe em nós que gosta do futebol. Hoje trata-se de um jogo extremamente civilizado e científico; mas por mais que o vistamos com as roupagens da lei e da ordem, o que nos fascina e nos atrai nele é que algo em nós deseja a excitação e a tensão do combate. Antigamente esse jogo era de certa forma um combate autorizado; continua a sê-lo hoje em dia, embora sob uma forma bastante refinada. Na verdade, ele se tornou algo demasiadamente refinado. O futebol estava na sua melhor fase quando iniciou sua etapa civilizada, quando existiam muito menos regras"[51].

[51] FRY, C.B.. Some Famous Footballers, *The Windsor Magazine*, 1899, p.20.

Essa opinião corresponde bem às idéias de Elias que considera que os processos de civilização comportam a interiorização de uma "couraça" ou de uma "armadura" mais ou menos frágil de auto-restrições impostas pela sociedade em favor da moderação; ela corresponde também ao fato de que, sob certas condições, até mesmo esses processos podem se inverter temporariamente, ou de modo permanente.

A segunda coisa que importa observar é a seguinte: segundo Elias, "os processos de civilização da Europa ocidental fizeram intervir, em nível normativo, um conjunto de controles e de tabus (como a proibição para os homens de bater numa mulher) e, em nível do *habitus* e da personalidade, um abaixamento do limiar de repulsão com relação à violência e à agressão"[52]. Conseqüentemente, na medida em que os homens foram privados do direito de recorrer à violência em relação às mulheres, o processo acarretou uma "privatização" crescente dessa violência até o ponto em que ela foi empurrada cada vez mais "para o segundo

[52] ELIAS, Norbert. Op. cit., 1978.

plano", que ela confinou-se sobretudo à vida doméstica. Paralelamente, mesmo que existam diferenças complexas ligadas principalmente às classes sociais, que não podemos examinar nesse artigo, houve um aumento do opróbrio moral provocado pela idéia de que um homem possa bater numa mulher, bem como um aumento de reação por parte do público quando as normas prevalentes nesse assunto não são respeitadas. Importa talvez mais ainda para nossa tese observar que o processo não apenas privou os homens do direito público de utilizar a violência contra as mulheres, mas que, em decorrência da crença profundamente interiorizada que uma tal conduta é ruim, e em decorrência da capacidade e do desejo psicológico de recorrer a essa violência, houve um crescimento, mesmo marginal, do poder das mulheres sobre os homens. Entretanto, os homens tendem a crer que sua masculinidade está sendo limitada ou restringida de um lado pelos próprios processos de civilização que eles percebem como "emasculantes" e, de outro, pelo poder crescente das mulheres que decorre disso. Se a teoria de Elias for correta, é essa dupla perspectiva que parece ser a fonte dos receios de feminização de que fala Michael Messner e que, segundo nós, não existem apenas nos Estados Unidos. Se levarmos a argumentação um pouco mais além, em sociedades relativamente "pacificadas" e, nesse sentido, relativamente civilizadas, o esporte - bem como outras atividades como as atividades militares ou policiais - se tornaria um enclave para a expressão legítima da agressão masculina e para a aquisição e a expressão de *habitus* masculinos tradicionais comportando proezas e força física. Em outras palavras, o esporte tende a representar uma importante fonte de experiência da validação da masculinidade a ser percebida como uma barreira contra a feminização e a emasculação. Contudo, esse *status* do esporte se encontra ameaçado na medida em que o poder crescente e, conseqüentemente, a autoconfiança, a auto-afirmação e a independência das mulheres permitem que elas possam desafiar com sucesso as idéias e as instituições andriarcais (patriarcais) e entrar, elas também, no mundo dos esportes.

Desde o início, as mulheres tiveram de lutar com firmeza para tomar pé no mundo do esporte e assim mesmo seu *status*, embora não gravemente ameaçado, continua marginal, como o mostra a hierarquia prestigiosa dos esportes ainda dominados pelos homens, a cobertura ainda pequena dos esportes femininos pela mídia, os prêmios de pouco valor que as grandes esportistas recebem em comparação com os dos homens, além da participação relativamente pequena

das mulheres em manifestações como os Jogos Olímpicos[53]. Ainda hoje, são mobilizados contra elas ideologias poderosas que colocam em questão sua feminilidade e sua orientação sexual, e que lhes vaticinam graves problemas físicos ou médicos[54]. Com o passar do tempo, entretanto, paralelamente à lenta modificação do equilíbrio de poderes entre os sexos - um processo complexo e multifacetado e não simplesmente linear - e graças a progressos como os meios modernos de planejamento da gravidez, a redução do tamanho das famílias, a invenção do tampão higiênico além de novas tecnologias domésticas, um número cada vez maior de mulheres consegue entrar em um leque cada vez maior de esportes. Suas fontes de motivação parecem ser as seguintes: (i) o desejo de obter satisfações de "mimetismo", de "sociabilidade" e de "mobilidade" semelhantes àquelas que os homens retiram do esporte[55], além de vantagens do ponto de vista da identidade, do auto-conceito, da auto-confiança e do *habitus* (tal como um maior sentimento de segurança nos locais públicos e uma melhor capacidade de autodefesa em caso de ataque físico); e (ii) o desejo de ser iguais aos homens como conseqüência de frustrações ressentidas no passado motivadas por restrições e por limitações vinculadas aos papéis femininos.

Atualmente as mulheres estão realizando progressos até mesmo nos esportes que Snyder e Spreitzer chamam de esportes "nitidamente inaceitáveis", isto é, geralmente considerados como "não convindo às mulheres", tais como o *soccer*, o *rugby* e o boxe. Esses esportes são esportes de combate e de contatos físicos que apelam ao mesmo tempo para a força, a agressividade e a velocidade. Isto porque eles contradizem absolutamente e diretamente as noções de feminilidade que ainda predominam e que são ideais aceitos de modo perfeitamente natural não apenas pelos homens, mas também pelas mulheres.

Existe, entretanto, uma ou duas anomalias nesse tocante. O *hockey* na grama é talvez o melhor exemplo destas. No século XIX, na Inglaterra, entre as décadas de 80 a 90, ele se tornou um jogo para mulheres. Em 1900, um autor da época eduardiana escrevia o seguinte no *Badminton Magazine*:

"(Nas mulheres)... a beleza do rosto e das formas é uma qualidade essencial, mas a prática exagerada de esportes externos violentos, como o *cricket*, o ciclismo, a caça montada e a caça à lontra, o *rallye-papier* e também o *hockey*, o mais odioso esporte para uma mulher, terá necessariamente efeitos anti-femininos tanto no espírito de uma moça, quanto sobre sua aparência... Que nossas moças pratiquem a equitação,

[53] HARGREAVES, Jennifer. Op. cit..

[54] McCRONE, Kathleen. *Sport and the Physical Emancipation of English Women*, 1870-1914. Londres: Routledge, 1988.

[55] ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *Quest for Excitement*: sport and leisure in the civilizing process. Oxford: Basil Blackwell, 1986.

patinem, dancem e joguem tênis em quadra de grama ou outros jogos com moderação. Mas é bom que elas deixem os esportes de equipe e os passatempos externos extenuantes àqueles a quem estes são naturalmente destinados: os homens"[56].

Esse gênero de reducionismo biológico teleológico era comum na época. Não eram apenas os homens, entretanto, que alinhavam argumentos contra o *hockey*. Kathleen E. McCrone cita a opinião de duas mulheres:

"(Uma mulher) afirmava que 'somente as raras mulheres quadradas, baixas e gordas, fortes, feitas para o ofício de porteiro deveriam jogar o esporte duro e competitivo do *hockey*, que, com seu campo lamacento, sua velocidade e sua excitação, é certamente uma pura loucura para uma mulher que ainda não se formou totalmente ou que não tem o treinamento ou os nervos exigidos...' (Uma escolar observava que)... o *hockey* torna as mulheres 'masculinizadas', as faz negligenciar seus deveres domésticos e lhes dá um gênero 'detestável' que fará certamente delas *sufragettes*[57]".

McCrone explica o crescimento aparentemente anormal do *hockey* sobre grama feminino da maneira seguinte: "Nas escolas públicas, o *hockey* era muitas vezes considerado como um esporte afeminado que só convinha aos magrelas, de sorte que ele jamais adquiriu a nobreza ou a masculinidade flamejante do *cricket* e do futebol. Em decorrência disto, não se teve necessariamente a impressão de que as mulheres estavam entrando numa área sagrada reservada aos homens, quando elas começaram a praticá-lo[58].

Este é um excelente argumento confirmado pelo fato de que na Grã-Bretanha, nos círculos masculinos e até os anos 50, o *hockey* sobre grama continuou a ser largamente considerado como um esporte afeminado. Por outro lado, McCrone não nos fornece dados históricos diretos com relação a esse fato, e assim somos levados a pensar que a opinião disseminada nas escolas públicas era talvez devido ao surgimento do *hockey* como esporte para as mulheres. Em conseqüência, é possível que McCrone esteja projetando no passado um valor mais recente. Seja como for, sua menção à escolar que sustenta que as jogadoras de *hockey* na grama talvez venham a se tornar *suffragettes*, leva a crer que o surgimento do *hockey* como esporte feminino comporte talvez um elemento de consciência política. Mais precisamente, é provável que as mulheres que escolhiam jogar *hockey* sobre grama no fim do século XIX estavam plenamente conscientes da crença predominante com relação às suas conotações masculinas; que se tenham tornado ou não *suffragettes*, a prática desse esporte era, sem dúvida, para elas uma

[56] *Apud* DOBBS, Brian. *Edwardian at Play*. Londres: Pelham, 1973, p. 177.

[57] N.T. Militantes que reclamavam o direito de votar para as mulheres.

[58] McCRONE, Kathleen. Op. cit., p. 128.

forma deliberada de se inscrever contra os ideais femininos e os *habitus* femininos da época delas.

Em uma sociedade onde o Estado monopoliza a violência legítima e onde, a despeito dos conflitos entre os homens, o esporte se tornou um dos lugares importantes e legítimos para o ensino e a expressão dos valores masculinos relativamente permanentes, este acabou representando a meta principal dos protestos feministas. Eis o que diz o historiador Brian Dobbs:

"... o esporte sendo como é um bastião do chauvinismo masculino e uma espécie de símbolo masculino, e o movimento em favor do voto das mulheres não tendo conseguido fazer ouvir sua voz, foi o esporte que recebeu o ataque mais forte das *suffragettes* quando elas recorreram ao militantismo e à violência. Ao longo de todo o ano de 1913, em todo o país, os clubes de *bulingrin*, de golfe, de *cricket* e de futebol tiveram seus campos danificados e seus prédios queimados"[59].

[59] DOBBS, Brian. Op. cit., p. 178.

O esporte não só serviu de alvo para o protesto das feministas, como também um número restrito, mas crescente, de mulheres se levantou, ao mesmo tempo, contra a idéia de que ele era uma área legitimamente reservada apenas aos homens. Nessa ótica, entretanto, além de ver seu pertencimento e sua orientação sexual recolocados em questão, e de ouvir predizer problemas de saúde, as esportistas tinham muitas vezes de enfrentar obstáculos que os homens não vêem usualmente pela frente. A despeito do movimento recente em favor de uma melhor partilha dos papéis conjugais, continua-se a esperar que as mulheres que são casadas ou que vivem com um parceiro estável e que trabalham fora de casa desempenhem a maior parte das tarefas domésticas. Sob esse ângulo, as mulheres atletas que trabalham e que possuam um parceiro estável ou um marido e crianças estão muitas vezes diante não mais de um duplo conflito mas sim de um triplo conflito. Eis o que uma delas dizia, em 1981:

"...tentar ser esposa e mãe, ocupar-se de sua carreira e de sua formação, continuando a se interessar pelo esporte, traz gigantescos conflitos e o tempo está sempre faltando para tudo fazer. Temos a impressão permanente de nunca estar dando nosso melhor nos diversos papéis que tentamos desempenhar. Isto acarreta grandes sentimentos de culpa nas mulheres, e trata-se aí de um elemento sutil de que a sociedade se serve. Enquanto a mulher treina e se prepara, ela está pensando consigo mesma que ela deveria estar tomando conta de seus filhos ou de seu marido; se ela estiver corrigindo trabalhos de alunos, ela também está pensando que faria melhor se preparando fisicamente, e assim por diante. Existem, portanto, muitos conflitos"[60].

[60] PAYNE, Rosemary. Comment on Margaret Talbot's 'Women and Sport: social aspects'. In TULLOH, Bruce, HERBERTSON e PARKES, Alan(ed.). *Biosocial Aspects of Sport*. Cambridge: Galton Foundation, 1981, p. 49.

A mesma desportista prossegue, criticando aquilo que ela descreve como "os serviços" que as mulheres desempenham para o esporte:

"Eu me lembro... há muitos anos, era sempre minha mãe que lavava o uniforme de *rugby* de meu irmão, e aos dez anos me faziam limpar suas chuteiras; isto me aborrecia, mesmo considerando que ele jogava no First xv"[61].

[61] Ibidem.

Essa citação deixa supor que muitos esportes dependem da exploração de uma mão-de-obra feminina não remunerada. No nível sociológico, portanto, não é surpreendente que os homens tenham geralmente a tendência a se opor às tentativas das mulheres em participar ativamente de esportes que eles consideravam como uma reserva particular. Pode-se dizer, também, que à medida que o poder das mulheres aumenta, os homens utilizam cada vez mais os encontros esportivos como locais de aviltamento e de difamação simbólica das mulheres[62].

[62] SHEARD e DUNNING. Op. cit..

Na Grã-Bretanha esse aviltamento simbólico das mulheres no contexto esportivo, que poderia ser considerado como uma forma de violência simbólica, ocorre por detrás das portas fechadas da Rugby Union, mas de forma mais aberta na associação de *soccer*. Essa situação é devida, em grande parte, às diferenças de classe social dos jogadores e dos espectadores dessas duas formas de futebol, e notadamente ao fato de que a Rugby Union é formada em sua maioria por pessoas da classe média, enquanto que o *soccer* e a cultura que lhe está associada provém mais da classe operária. Como já apresentamos em outros trabalhos o *rugby* enquanto área reservada aos homens, analisaremos brevemente aqui o caso da Associação de *Soccer*.

Em 1988, o jornalista Edward Vulliamy descrevia assim um grupo de torcedores que tinham viajado para Stuttgart para assistir ao campeonato europeu de futebol: "...reunidos no bar Bierfäsle...vestidos de *shorts* e de camisetas, eles calculam o preço de sua cerveja, coçam o saco e cantam *'get yer tits out for the lads'* ('Mostre seus seios para a rapaziada') a cada vez que uma mulher passa perto deles..."[63].

[63] *The Guardian*, 13 de junho de 1988.

O refrão seguinte é um outro "clássico" do repertório de numerosos grupos de vândalos e de seus amigos, torcedores de clubes de *soccer* inglês e que vão ver suas equipes jogar no estrangeiro: "Estamos aqui, nós, os rapazes de Leicester (ou de Newcastle, Liverpool, Tottenham etc.) para transar com suas mulheres e beber sua cerveja". Um canto desse tipo é evidentemente destinado a dar a conhecer aos homens locais suas intenções predadoras, mas ele simboliza também uma transformação grosseira das mulheres em objetos e

traduz a opinião segundo a qual as mulheres são propriedade dos homens. É fácil entender que essas manifestações impedem muitas mulheres de assistir a partidas de futebol. Existem também outras maneiras mais evidentes embora talvez menos grosseiras, mas não menos aviltantes, de desencorajá-las de vir. Citemos a título de exemplo a proibição da entrada de mulheres na sala do conselho da maioria dos clubes profissionais, mesmo quando elas são parentes ou amigas dos membros masculinos desse conselho que estejam fazendo uso dessa sala para uma recepção.

Há três ou quatro anos, um documentário na televisão sobre as mulheres e o futebol apresentava um exemplo ainda mais impressionante. Via-se um torcedor do Condado de Stockport descrever sua técnica para impedir que uma mulher que havia expresso seu desejo de assistir a uma partida viesse. Ele dizia mais ou menos o seguinte: "Se ela insistir, está bem, mas coloque-a no pior lugar, sem cobertura, ali onde ela corre o risco de se molhar. Ela nunca mais vai querer voltar e as coisas serão novamente como elas devem ser. O futebol é um esporte para homens". Um colega ouviu um antigo secretário da Associação de Futebol fazer um comentário semelhante quando de uma partida, em 1988. Ele se chama Ted Crooker e eis mais ou menos o que ele disse: "O futebol é um esporte de contatos físicos rudes. De fato, é uma forma de combate. É um esporte de homens e assim deve permanecer. As mulheres não têm lugar nenhum aí, a não ser para aplaudir, para lavar e passar os uniformes e para preparar e servir as bebidas." Doreen Massey nos fornece comentários interessantes sobre a reação das mulheres frente a essa dominação de um espaço público valendo-se de tais valores patriarcais:

"Na estrada que levava para a cidade estávamos atravessando o largo vale do rio Mersey e eu me lembro dos campos úmidos e lamacentos que se estendiam a perder de vista no frio e na bruma. E toda essa planície de Manchester estava dividida em campos de futebol e de *rugby*. No sábado, essa vasta extensão estava coberta, até onde a vista podia atingir, de centenas de jogadores que corriam todos atrás da bola!... Eu me lembro bem dessa cena. E eu me lembro também que mesmo naquela época, sendo uma menina curiosa e pensativa, eu me havia surpreendido com o fato de que uma tão grande parte da planície inundável do Mersey tivesse sido inteiramente cedida aos homens. Eu não fui até aqueles campos; eles me davam a impressão de algo proibido e pareciam pertencer a um outro mundo (mas hoje sou mais audaciosa, tenho mais consciência de estar invadindo um espaço e gosto de estar em campos de futebol). Por

outro lado havia outros lugares onde eu ia, mas tendo a impressão de que eles não me pertenciam, porque me lembravam, ou pelo menos porque eram concebidos para me lembrar, a minha subordinação tradicional"[64].

[64] MASSEY, Doreen. *Space, Place and Gender.* Cambridge: Polity Press, 1994, p. 183.

Em sociedades como a da Grã-Bretanha de hoje, não é apenas o pertencimento sexual, mas também a classe social e a raça que transmitem um sentimento de exclusão e de subordinação. Em suma, não são apenas as mulheres que experimentam tais sentimentos, mas também muitos membros masculinos de determinados grupos dominados e excluídos, embora as mulheres que fazem parte desses grupos tendam evidentemente a estar duplamente ou triplamente em desvantagem. Isto dito, as observações de Massey acerca da persistência de certos vínculos entre "o esporte, alguns lugares e o pertencimento sexual" nos esclarecem sobre o grau limitado de igualdade entre os sexos ao qual a Grã-Bretanha chegou nesta época, seja no esporte, seja em outras áreas. Para encerrar, resta-nos resumir aquilo que tentamos demonstrar nesse artigo e tentar extrair algumas conclusões que nos parecem importantes.

Conclusão

Resumindo, quisemos demonstrar que o esporte moderno é um elemento dos processos de civilização e que, para entendê-lo bem, é preciso observar que ele representa para uma maioria de homens o principal local de ensino, de preservação e de expressão pública das normas tradicionais da masculinidade. Formas de masculinidade mais ou menos civilizadas são expressadas em manifestações esportivas, mas, de modo geral, é preciso ver o esporte moderno como uma área reservada aos homens, o que nos ajuda a entender sua grande resistência frente às tentativas das mulheres de entrar em seus enclaves ou de criar novos enclaves para elas. Em contrapartida, os processos de civilização na Europa abarcaram um outro aspecto-chave; trata-se de um deslizamento do equilíbrio de poder entre os sexos, em favor de uma **ginarquia** (matriarcado). Como se trata aí de um aspecto de nossa argumentação que algumas pessoas acham difícil de aceitar, vamos expô-lo mais detalhadamente.

A transformação civilizadora que supomos terá talvez tido um efeito equalizador entre os homens e as mulheres sob pelo menos dois aspectos. O primeiro está ligado à imagem do ideal masculino e dos papéis femininos simbolizados pela família nuclear andriarcal (patriarcal), que se tornou a norma durante a segunda metade do século XIX em uma classe média em plena expansão. Gostaríamos de levantar a hipótese seguinte:

contrariamente à opinião corrente dos feministas, esse tipo de família talvez tenha representado, sob pelo menos um aspecto, um avanço em direção a chances iguais de poder entre os sexos. Isto se explica pelo fato de que um maior número de homens estava estreitamente ligado a um tipo de família mais igualitária do que antes, onde o papel do *pater familias* vitoriano era reduzido, onde os homens estavam submetidos a uma influência e a uma regulação feminina aumentada e constante. Se Edward Shorter tem razão, em um tal contexto, um maior número de homens teria começado a se sentir mais vinculados e a se identificar mais com suas mulheres enquanto pessoas, ao invés de considerá-las simplesmente como objetos de gratificação sexual e instrumentos de produção de descendentes (sobretudo homens)[65].

[65] SHORTER, Edward. Op. cit., p. 294-296.

Ao impor um conjunto de restrições interiores e exteriores à expressão masculina da agressão, por exemplo, por meio de um código de conduta de um *gentleman* que colocava as mulheres num pedestal, ao mesmo tempo que declarava o fato de bater em mulheres um comportamento indigno por parte de um *gentleman*, essa transformação civilizadora global talvez tenha trazido como conseqüência uma igualdade ainda maior dos poderes potenciais de ambos os sexos. Com efeito, sob o ângulo do poder, ela limitava a possibilidade de que os homens utilizassem uma de suas grandes vantagens em relação às mulheres, ou seja, sua força física geralmente maior, e sua superioridade enquanto combatentes. Essa restrição, por sua vez, pôde aumentar as chances das mulheres de empreender uma ação política unificada organizando, por exemplo, manifestações e participando delas. Se essa pura hipótese for de alguma forma válida, uma tal transformação civilizadora talvez tenha feito com que os homens, principalmente os maridos e os pais na esfera doméstica, tivessem menos poder de reagir pela violência às manifestações nascentes da solidariedade, da auto-confiança, da segurança e do poder nas mulheres. Em outras palavras, pelo fato de poder esperar reações menos violentas por partes dos homens às suas manifestações políticas, as mulheres talvez tenham se sentido menos assustadas e sua confiança cresceu de modo suficiente para prosseguirem na sua luta para que um número crescente dentre elas, apoiadas por um número restrito mas também crescente de homens, se manifestassem em favor daquilo que elas consideravam ser seus direitos.

Em suma, parece razoável supor que o pequeno mas significativo deslocamento do equilíbrio de poder entre os homens e as mulheres, cuja primeira expressão

política foi o movimento das *suffragettes*, decorreu, pelo menos em parte, do **empuxe civilizador** que marcou a emergência da Grã-Bretanha como Estado-Nação urbano e industrial. Uma coisa, entretanto, é clara: uma tal afirmação não significa que o Estado ou o público em geral não tenha reagido de modo violento ao movimento das *suffragettes*. Mesmo que tenha havido uma escalada de violência por parte da polícia e do público contra as *suffragettes* - quando estas se sentiram forçadas a recorrer a meios violentos -, o que queremos dizer é o seguinte: primeiramente, os níveis e os tipos de violência utilizados contra elas talvez tenham sido diferentes daqueles que eram utilizados contra os homens; em segundo lugar (e isso tem mais importância no contexto de nosso artigo), uma das condições que tornou possível o movimento das *suffragettes* talvez tenha sido a desistência ou a redução do uso da violência contra elas por parte dos numerosos homens que viviam junto delas. Esta hipótese não objetiva de nenhum modo negar que não existam mais casos de violência contra as mulheres. Queremos apenas deixar entrever três coisas: (i) a violência contra as mulheres tende a decrescer nos **lugares públicos**; (ii) o sentimento de desprezo face ao descumprimento da norma predominante nessa matéria tende a aumentar; e (iii) na medida em que ela continua a se manifestar em sociedades como a da Grã-Bretanha de hoje, a violência dos homens contra as mulheres **tende** a predominar nas camadas sociais menos "integradas" e menos favorecidas do ponto de vista sócio-econômico[66]. Na verdade, os homens dessas camadas sociais não têm tendência a sentir profundos sentimentos de culpa quando têm um comportamento violento com relação às mulheres, e as mulheres dessas comunidades têm tendência a esperar um comportamento violento da parte de seus maridos. Parece também razoável supor que tais relações entre os homens e as mulheres eram bem mais freqüentes no passado. Voltemos, entretanto, à questão do pertencimento sexual e do esporte.

A maioria das mulheres tendeu a aceitar a definição hegemônica do esporte, vendo-o sobretudo como uma área reservada aos homens; em contrapartida, o deslocamento da balança de poder entre os sexos, se bem que longe de ser significativo, prosseguiu depois do impulso inicial dado pelas *suffragettes*, ao mesmo tempo que todo um conjunto de processos voluntários ou não, e foi nitidamente suficiente para que os homens não conseguissem impedir as mulheres de entrar em grande número na sua fortaleza masculina. As maiores barreiras erigidas contra as mulheres, e aceitas por elas, diziam respeito aos esportes de combate e de contatos

[66] DUNNING, Eric *et allii*. *The Roots of Football Hooliganism*. Londres: Routledge, 1988.

físicos. Contudo, já faz alguns anos que as mulheres estão praticando esportes como o *soccer* e até mesmo o *rugby* ou o boxe. Com efeito, nos Estados Unidos, esse processo progrediu ainda mais depressa do que na Grã-Bretanha, pelo menos no que concerne o *soccer*, já que a seleção feminina americana ganhou a Copa Mundial de Futebol Feminino em 1993.

A prática crescente de esportes pelas mulheres representa em si uma tendência equalizadora. Contudo, como vimos, essa maior participação das mulheres numa área anteriormente reservada exclusivamente aos homens tende a acarretar, para as desportistas, duas séries precisas de sanções que bem demonstram que o esporte e a sociedade modernas ainda são predominantemente andriarcais. De um lado a feminilidade das atletas é posta em dúvida por outros desportistas, em conseqüência principalmente de sua participação em esportes de contato físico. Em certos casos ela é até posta em dúvida por outras mulheres e esta é uma reação típica dos grupos excluídos na medida em que interiorizaram "o carisma coletivo" daqueles que estão melhor estabelecidos: os homens, no caso presente[67]. Por outro lado, no que diz respeito à prática dos esportes, as mulheres se vêem frente a numerosos obstáculos que os homens não têm. Entretanto, os esportes masculinos dependem de múltiplas formas dos serviços prestados pelas mulheres. Em muitos casos, esses serviços são oferecidos benevolamente. Contudo, na medida em que eles se baseiam na interiorização do carisma coletivo dos homens e que eles não são inteiramente gratuitos e recíprocos, eles podem ser descritos de maneira correta em termos neo-marxistas de exploração de uma mão-de-obra feminina não remunerada. Acreditamos que uma tal exploração, uma boa parte da qual parece ser automática e que não é encontrada em nível consciente de modo pleno, constitui mais um dos numerosos e persistentes obstáculos à prática esportiva das mulheres no que Elias chamou de "sociedades bárbaras tardias" de hoje[68].

TRADUÇÃO DE PATRICE CHARLES F. X. WUILLAUME

[67] ELIAS, Norbert e SCOTSON, John. *The Established and the Outsiders*. Londres: Cass, 1965.

[68] ELIAS, Norbert. *The Symbol Theory*. Londres: Sage, 1991.